

2016



BOLETIM DE PETRÓLEO

Gerencia de Operações e Planejamento

Março - 16



I – Cenário Internacional

A Europa vive problemas relacionados à fuga de civis da guerra da Síria. Os protestos contra o governo grego crescem por toda a Europa, devido aos planos da Grécia em construir campos para refugiados no país, levantando dúvidas sobre se os gregos podem assegurar à União Europeia de que estão fazendo o suficiente para controlar o grande fluxo de pessoas que entram clandestinamente no continente para fugir da guerra.

Nos EUA, com a economia tecnicamente recuperada, o foco passa a ser as eleições presidenciais para este ano. Pelo lado dos democratas, a candidata favorita é Hillary Clinton, que aparece com um perfil mais liberal e com boa relação com Wall Street, apesar de defender sua regulamentação. Do outro lado, pelos republicanos, o nome mais forte é Donald Trump, que representa uma visão com forte conservadorismo e apelo nacionalista.

A China, apesar do ainda alto crescimento, mantém a tendência de desaceleração. As reservas internacionais do país vêm caindo consideravelmente, com o menor nível em quase quatro anos, consequência da desvalorização do Yuan nos últimos meses. O Banco do Povo da China tem se utilizado em massa dessas reservas para amenizar a desvalorização da moeda local.

No Brasil, apesar da crise econômica, o cenário político se mantém em ênfase. Com manifestações pró e contra o impeachment da presidente da República, os impactos de uma suposta troca de governantes é continuamente mensurada por analistas e pelo mercado. Além dessas incertezas, continuam os desdobramentos da operação Lava Jato investigando políticos de alto escalão do governo, sob acusações de corrupção.

II - Preços

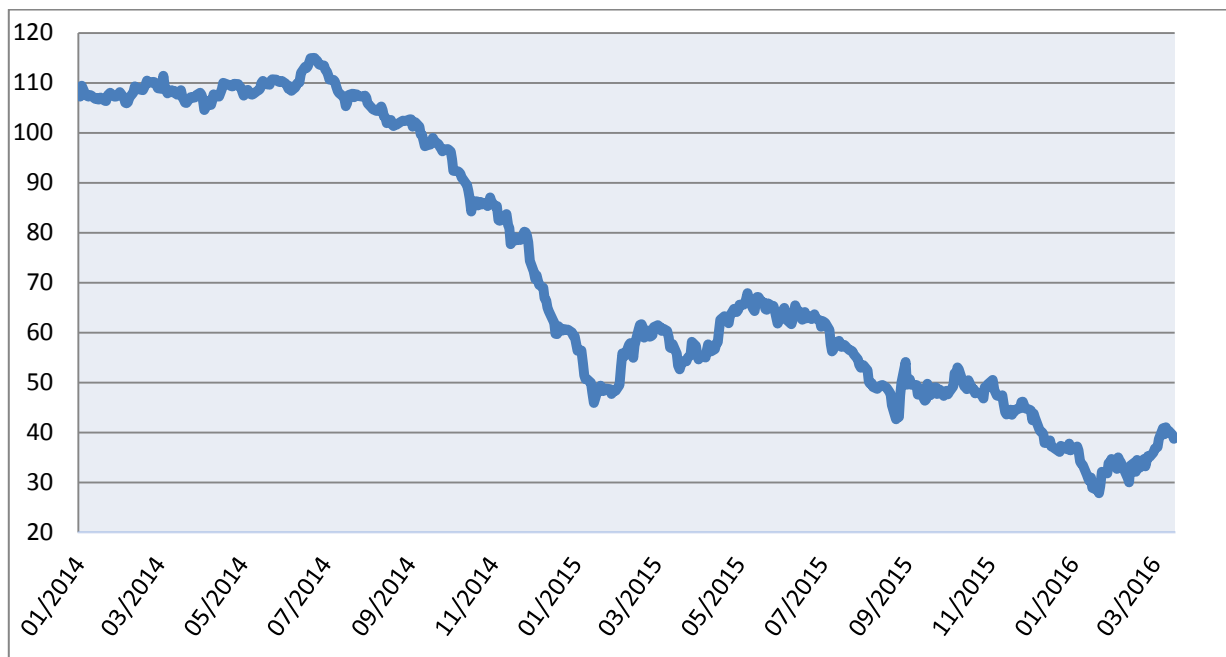
Os preços do petróleo registraram no mês de fevereiro um valor mínimo de US\$ 31,82, máximo de US\$ 41,48 e média de US\$ 36,65, com crescimento de 14,4% em relação ao mês anterior.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto cresceram 3,88 milhões na primeira semana de março para 521 milhões de barris. O aumento superou a expectativa de analistas, que esperavam crescimento de 3,1 milhões de barris no período. A previsão da Agência Internacional de Energia (AIE) para o preço médio do barril em 2016 é de US\$ 34, abaixo dos US\$ 38 do que fora previsto no mês passado.

Na luta pela sobrevivência de fatias de mercado, os produtores dos EUA e a Organização de Países Exportadores de Petróleo (Opep), têm mantido a produção elevada, o que deprecia o preço, levando a um

círculo vicioso. O gráfico 1, mostra a queda acentuada no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de fevereiro, atingiu a média mínima mensal de US\$ 31,93, com uma leve tendência de melhora a partir do mês corrente.

Gráfico 1: Preço do Brent

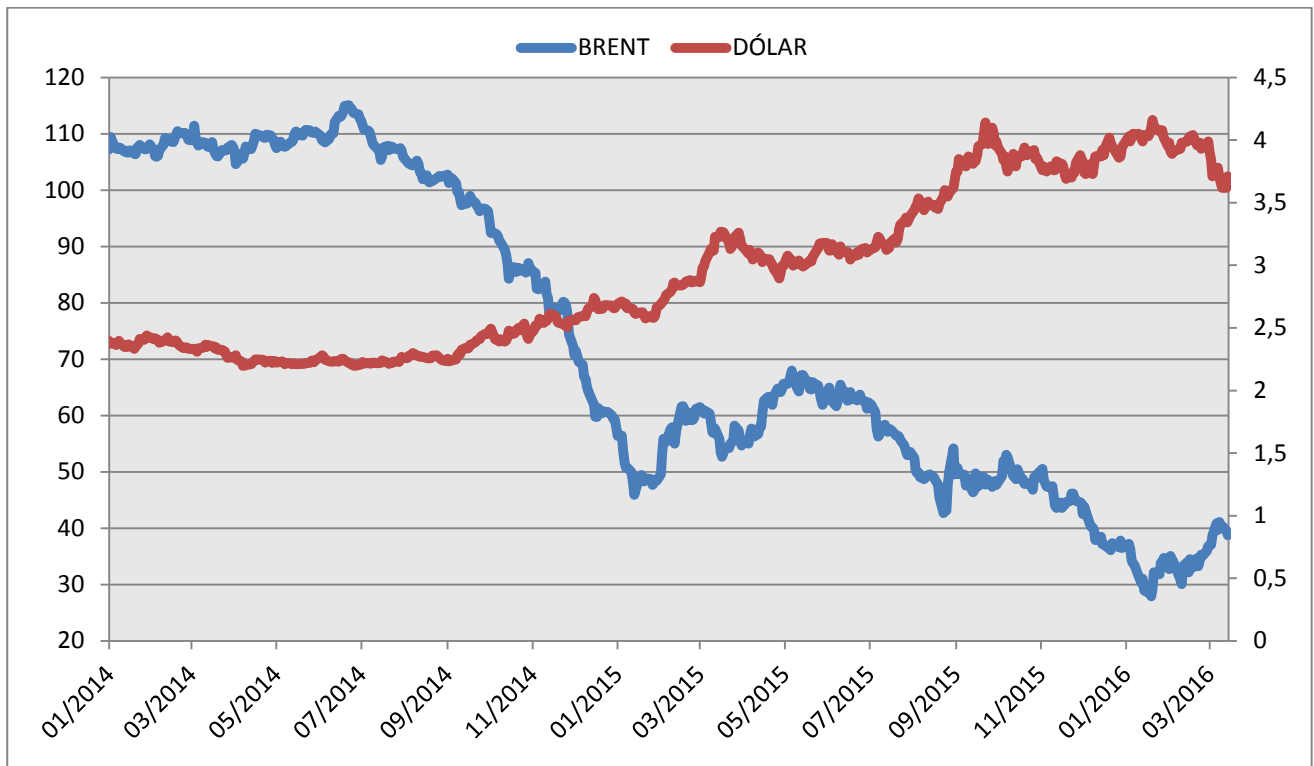


Fonte: ICE/ GOP

O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrando uma negatividade de 0,90 entre janeiro de 2014 e fevereiro de 2016, podendo ser considerada uma correlação muito forte. A valorização da moeda norte-americana é uma tendência global, que encarece o preço do barril, tipo Brent, pois os negócios são denominados na moeda norte-americana, o que reduz em parte a demanda pelo petróleo. Segundo o boletim focus, de 11 de março de 2016, a expectativa para 2016 é que o câmbio encerre cotado em R\$ 4,25.

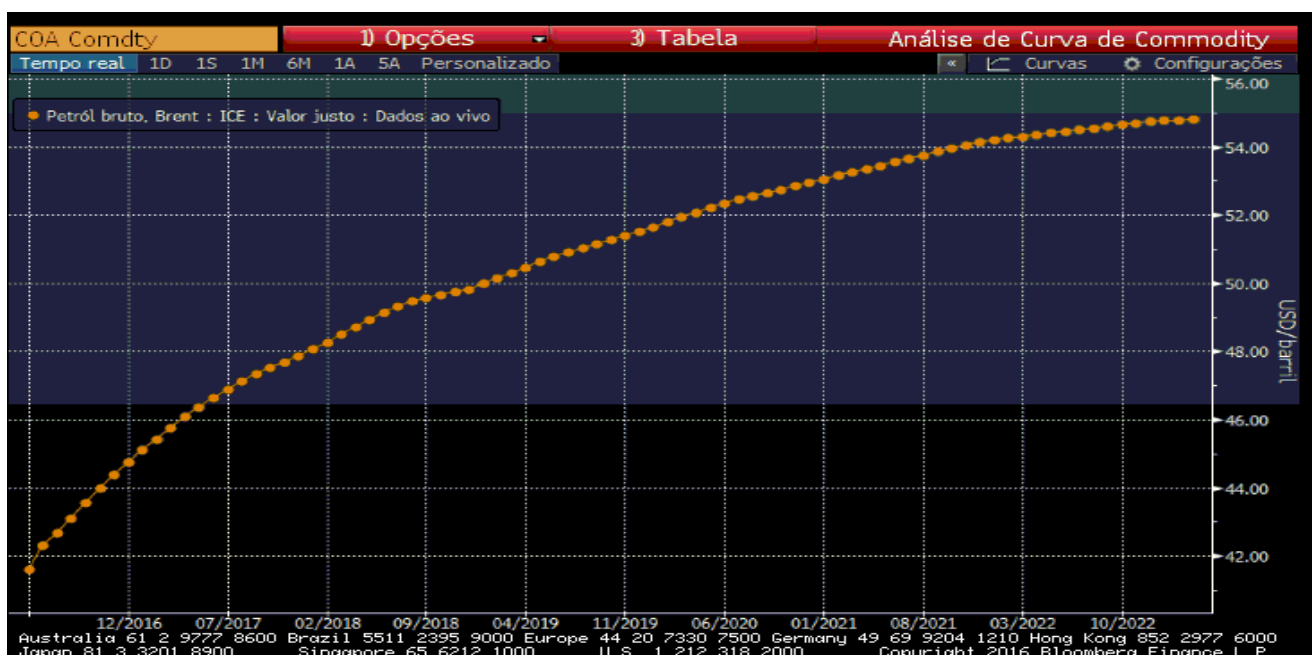
No gráfico 3, retirado da plataforma Bloomberg, observa-se que para dezembro/2016, o preço do petróleo Brent deve fechar na casa dos U\$ 44,56, U\$ 47,76 em 2017 e U\$ 50,14 em 2018, representando um aumento médio de 14,88% em relação às projeções do mês anterior.

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

Gráfico 3: Mercado Futuro



Fonte: GOP

III - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda cresceu 1,54 milhões de barris por dia em 2015. Em 2016, a demanda mundial de petróleo está prevista para aumentar em 1,25 milhões de barris. Essa projeção melhorou em relação ao mês passado, principalmente por causa da melhora da demanda na Europa e Ásia no último mês. A perspectiva de uma debilitada economia na América Latina foi considerada nesta estimativa.

Para a EIA, a expectativa de demanda foi reduzida para 2016 e 2017, consequência de uma expectativa de crescimento mais baixo da economia global. Segundo a agência, o consumo mundial de petróleo e outros combustíveis cresceu 1,3 milhões de barris em 2015. Em 2016, a expectativa é que a demanda cresça 1,1 milhões de barris e 1,2 milhões em 2017. A previsão é de 0,1 milhões e 0,2 milhões de barris a menos em 2016 e 2017, respectivamente, em relação às projeções divulgadas pela agência no mês passado.

IV – Oferta

A AIE espera queda da produção de petróleo nos países fora da OPEP, principalmente nos EUA. Se confirmada tal previsão, será a primeira redução desde 2008. A produção deve reduzir cerca de 0,4 milhões de barris por dia. Entretanto, nos países integrantes da OPEP, a produção deve aumentar em 2016, 1,1 milhões de barris ao dia, projeção 57% superior que o previsto no relatório do mês passado.

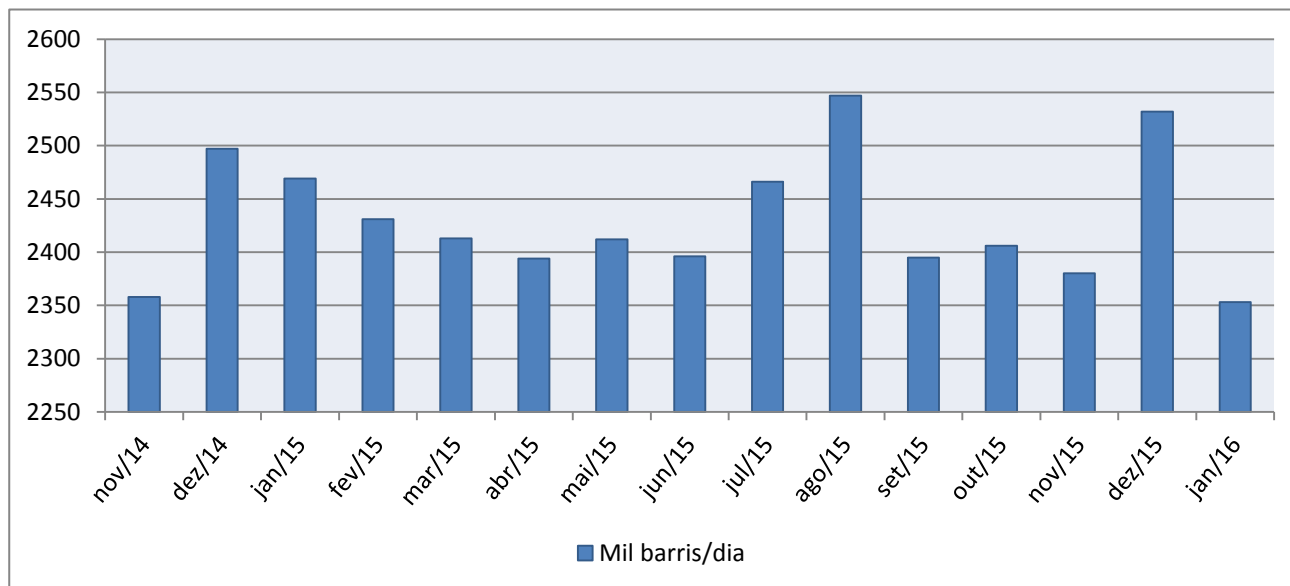
Para a OPEP, a produção dos países não integrantes do bloco, em 2015, aumentou 1,42 milhões de barris ao dia. Já os países integrantes da OPEP tiveram um aumento 1,07 milhões de barris em 2015. Para 2016, a expectativa para os países não-OPEP é redução de oferta no montante de 0,7 milhões de barris. A oferta global de petróleo diminuiu 0,21 milhões de barris por dia em fevereiro de 2016.

V – Brasil

Segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo no mês de janeiro foi de 2.353 mil barris por dia, configurando redução de 7,1% em relação ao mês de dezembro, chegando ao patamar de produção mais baixo na série analisada, conforme demonstrado no gráfico 4.

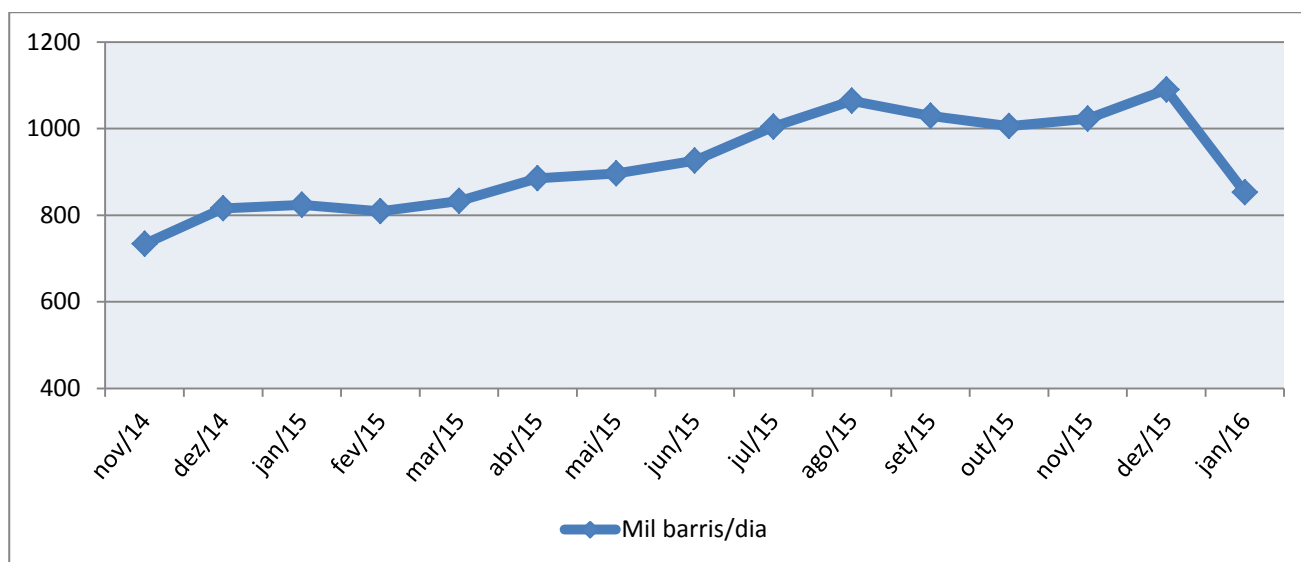
O campo de Lula, na Bacia de Santos, foi o que mais produziu petróleo no mês em análise: média de 404,7 mil barris por dia, representando 17,19% da produção nacional. No pré-sal foi registrado uma produção de petróleo de 823 mil barris, de um total de 53 poços, representando 5,6% de redução em relação ao mês anterior, conforme gráfico 5.

Gráfico 4: Histórico de produção de petróleo



Fonte: GOP

Gráfico 5: Evolução da produção do Pré-Sal



Fonte: GOP

Segundo a ANP, a participação da produção de petróleo do Rio de Janeiro no cenário nacional caiu 1,2 pontos percentuais no mês corrente em relação ao mês anterior, porém ainda representa 66,8% da

produção nacional. Na tabela 1 é facilmente perceptível a importância do petróleo para o Estado do Rio de Janeiro, já que a produção dos outros quatro estados escolhidos (Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia) representam juntos cerca de 45% da produção fluminense.

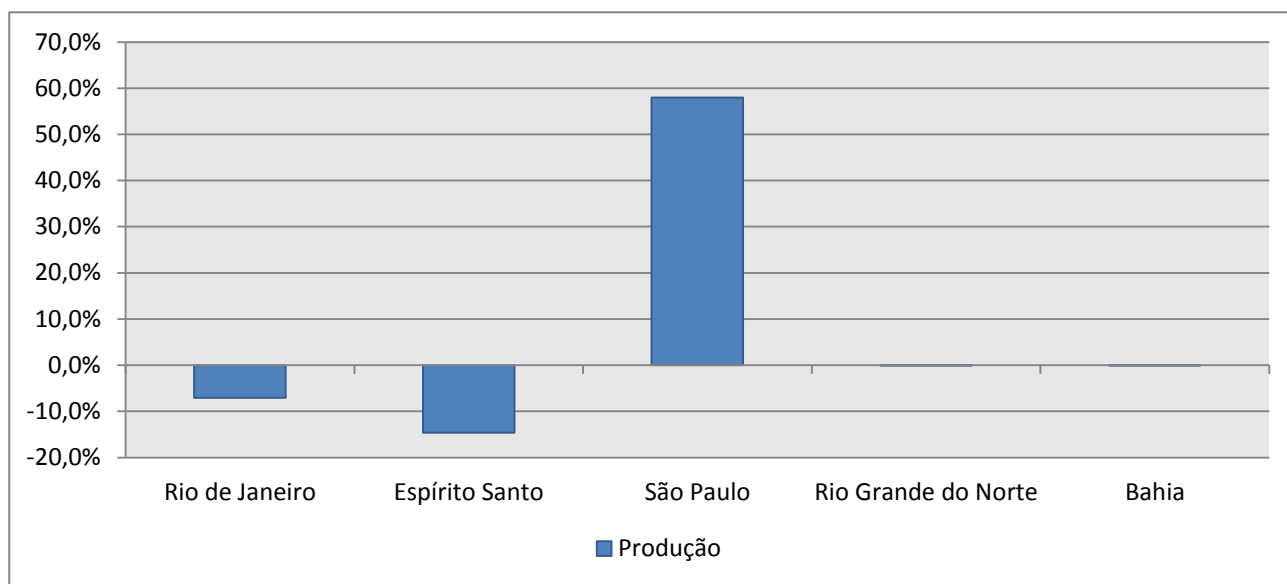
Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PETRÓLEO (bbl/d)	CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.573.152	45
Espírito Santo	350.506	44
São Paulo	264.786	5
Rio Grande do Norte	57.951	82
Bahia	37.991	83

Fonte: ANP

Em relação ao mês de dezembro/15, São Paulo foi o único estado que teve crescimento na produção de petróleo (quase 60% em relação ao mês anterior), consequência do forte aumento de produção do campo de Sapinhoá. O Espírito Santo foi o estado com maior queda de produção dos estados analisados, com queda de quase 15%. O Estado do Rio foi impactado principalmente pela forte queda do campo de Lula, que teve redução de sua produção em quase 30%.

Gráfico 6: Variação da produção – Principais produtores estaduais



Fonte: GOP